RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

AUTOMEDICAÇÃO E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): COMO A QUÍMICA PODE SER UMA FERRAMENTA EFICAZ NO COMBATE A TAL PRÁTICA NOCIVA

SELF-MEDICATION AND YOUTH AND ADULT EDUCATION (EJA): HOW CHEMISTRY CAN BE AN EFFECTIVE TOOL IN COMBATING SUCH HARMFUL PRACTICE

AUTOMEDICACIÓN Y EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS (EJA): CÓMO LA QUÍMICA PUEDE SER UNA HERRAMIENTA EFICAZ PARA COMBATIR ESTA PRÁCTICA NOCIVA

Eidson Deivid Alcântara[1], Monalisa Porto Araújo[2]

e616146
https://doi.org/10.47820/recima21.v6i1.6146

PUBLICADO: 1/2025

RESUMO

O presente trabalho trata acerca do fenômeno da automedicação e a sua intersecção com as faixas etárias existentes nos diversos níveis de ensino e, dentre eles, especialmente, no âmbito da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O objetivo principal foi a averiguação e comprovação se há ou não pontos convergentes, como os meses são abordados e qual a contribuição da disciplina de química para a conscientização acerca da temática na EJA. Para tanto, foram utilizados como fontes de investigação a pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF) junto ao Instituto Datafolha sobre o uso de medicamentos, bem como o Censo Escolar de 2018-2022 promovido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). A partir deles, contatou-se as características comuns (faixa etária, escolaridade e perfil socioeconômico) entre os indivíduos que mais estão propensos à automedicação e os alunos da EJA, chegando a uma intersecção do perfil. Ademais, tomou-se como base a pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa, com método de abordagem descritivo e, as técnicas de pesquisa, através de determinados estudos científicos (artigos científicos, doutrinas, entre outros). Sendo assim, foi possível observar a contribuição significativa que tem o estudo das reações químicas de medicamentos específicos no combate à automedicação.

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação. Educação de Jovens e Adultos. Química na EJA.

ABSTRACT

This work deals with the phenomenon of self-medication and its intersection with the age groups existing in the various levels of education and, among them, especially in the field of Youth and Adult Education (EJA). The main objective was to investigate and prove whether or not there are convergent points, how the months are approached and what is the contribution of the chemistry discipline to awareness about the theme in EJA. To this end, the research carried out by the Federal Council of Pharmacy (CFF) with the Datafolha Institute on the use of medicines, as well as the 2018-2022 School Census promoted by the National Institute of Educational Studies and Research Anísio Teixeira (INEP) were used as sources of investigation. From them, the common characteristics (age group, education and socioeconomic profile) between the individuals who are most prone to self-medication and EJA students were contacted, reaching an intersection of the profile. In addition, we were based on qualitative and quantitative research, with a descriptive approach method and research techniques, through certain scientific studies (scientific articles, doctrines, among others). Thus, it was possible to observe the significant contribution of the study of the chemical reactions of specific medicines in the fight against self-medication.

KEYWORDS: *Self-medication. Youth and Adult Education. Chemistry at EJA.*

[1] Graduando em Licenciatura em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

[2] Graduação em Pedagogia, área de habilitação em Educação de Jovens e Adultos, pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB). Mestre em Educação pela UFPB. Doutora em Educação pela UFPB. Docência no Ensino Superior nos cursos de Pedagogia e na Especialização em Educação Integral e Direitos Humanos da UFPB. Docente dos cursos de Licenciatura do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) com interesses na área de Educação Popular, Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos, Ensino de Ciências, Mulheres na ciência, Ginecologia Natural e Dignidade Menstrual.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

RESUMEN
El presente trabajo trata sobre el fenómeno de la automedicación y su intersección con los grupos de edad existentes en los diversos niveles de educación y, entre ellos, especialmente, en el ámbito de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). El objetivo principal fue averiguar y probar si hay o no puntos convergentes, cómo se abordan los meses y cuál es la contribución de la disciplina de química para la concienciación sobre el tema en la EJA. Para ello, se utilizaron como fuentes de investigación la investigación realizada por el Consejo Federal de Farmacia (CFF) junto con el Instituto Datafolha sobre el uso de medicamentos, así como el Censo Escolar de 2018-2022 promovido por el Instituto Nacional de Estudios e Investigaciones Educativas Anísio Teixeira (INEP). A partir de ellos, se contactaron las características comunes (raja de edad, escolaridad y perfil socioeconómico) entre los individuos que son más propensos a la automedicación y los estudiantes de la EJA, llegando a una intersección del perfil. Además, se tomó como base la investigación de naturaleza cualitativa y cuantitativa, con método de enfoque descriptivo y, las técnicas de investigación, a través de determinados estudios científicos (artículos científicos, doctrinas, entre otros). Por lo tanto, fue posible observar la contribución significativa que tiene el estudio de las reacciones químicas de medicamentos específicos en la lucha contra la automedicación.

PALABRAS CLAVE*: Automedicación. Educación de Jóvenes y Adultos. Química en EJA.*

INTRODUÇÃO

O Brasil é um dos países que mais consomem medicamentos ante o cenário mundial e, em consonância, há índices expressivos de acesso precário aos meios de saúde, falta de atendimentos de qualidade devido à imensa demanda do Sistema Único de Saúde (SUS) e inúmeras propagandas sobre a venda livre de tais substâncias as quais incentivam seu consumo intenso (Correia; Trindade; Almeida, 2019). Tal fenômeno está presente em todas as áreas da sociedade, inclusive na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A Lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, na sua Seção V, aborda a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como aquela que deve ser destinada às pessoas que não tiveram acesso aos estudos no ensino fundamental e médio (ou não puderam continuar), em idade própria, tornando-se o âmbito para a aprendizado de tal parcela da população (Brasil, 1996).

O mesmo regramento legal, procura consagrar o direito fundamental à educação, presente na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no seu artigo quinto, ao fixar que será assegurado “as mesmas oportunidades educacionais apropriadas consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho” (Brasil, 1996), mesmo que esses não o tenham feito em idade regular.

Nesse sentido, foi a partir da observância dos pontos compatíveis entre a pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Farmácia, em 2019, sobre averificação do comportamento da população em relação à compra e uso dos medicamentos (CFF, 2019) e do Censo Escolar de Educação Básica de 2022, promovido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2023), que percebeu-se a características etária correspondente em ambas as pesquisas e, com relação à segunda, o recorte específico da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A partir disso e através da realidade vivida por esses alunos, é possível disseminar as consequências negativas do uso reiterado de medicações sem prescrição médica frente às

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

medicações mais utilizadas e ante às condições de saúde mais comuns na faixa etária em questão, dentro do âmbito estudantil. A química, portanto, se mostra uma importante ferramenta para a conscientização e para a mitigação da prática nociva da automedicação no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) (Correia; Trindade; Almeida, 2019).

Diante da presença da automedicação na sociedade, a presente reflexão se propõe a integrar o ensino de ciências da natureza na Educação de Jovens e Adultos, a partir do tema automedicação. Assim, buscou-se responder como o tema da automedicação pode consolidar o debate social e contextualizado da disciplina de Química na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Como objetivo buscou-se indetificar a incidência da automedicação no Brasil e se há associações com os conhecimentos obtidos na Discipçina de Química na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tal, focou-se na averiguação da faixa etária do consumo de automedicação no país relacionando com a faixa etária do público presente na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Isso foi possível, como já mencionado, a partir da análise dos dados sobre o uso da automedicação no Brasil da pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Farmácia em parceria com o Instituto Datafolha sobre automedicação (CFF, 2019) com o cruzamento de insformações prestadas pelo INEP sobre o perfil dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Finalmente, em observância ao conteúdo de Químca exigido pelo Ministério da Educação, que deve ser presente no currículuclo escolar de forma homogênea, há a possibilidade de o docente adequá-la para a comunidade, município e região na qual está inserido, sendo flexíel e adequada à realidade escolar (Secretaria de Educação Básica, 2006). E, consequentemente, corroborando com o entendimento do presente trabalho, sendo uma disciplina aliada na apresentação dos malefícios e benefícios da automedicação.

MÉTODO

O presente trabalho se trata de um estudo secundário, sendo portanto, uma pesquisa que reúne uma série de estudos primários (por exemplo, os desenvolvidos pelo Conselho Federal de Farmácia e pelo INEP, de maneira não sistemática, com o enfoque em atingir o objetivo do artigo já descrito anteriormente (Campana, 1999). Nesse sentido, ao analisar as arguições aqui referenciadas, foi possível conctá-las e resumí-las a partir dos estudos primários para tal.

Utilizou-se de alguns métodos de pesquisa em conjunto, tendo a abordagem uma natureza qualitativa ao se voltar para a investigação de dados específicos trazidos pelo Conselho Federal de Farmácia com o Instituto Datafolha, em 2019 (CFF, 2019) e o resultado do Censo escolar 2018-2022 divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (INEP, 2023), relacionando-os entre si, a fim de examinar se existe relação entre a faixa etária mais comum na automedicação e da encontrada entre pessoas que frequentam a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Ademais, o tipo exploratório de pesquisa permite que a variável a ser estudada seja mais conhecida, bem como o contexto em que está inserida, de modo que seja possível a percepção da realidade de forma verossímel (Gil, 2008). Já o âmbito bibliográfico, foi inserido nesse estudo mediante consulta à artigos científicos, publicações periódicas, monografias e dissertações de mestrado referentes ao tema em estudo.

Baseando-se em materiais já publicados e construídos, a partir de livros e artigos científicos, tais como: Abreu e Ribeiro (2014), Barsante (2019), Bortoli e Nogueira (2023), Freire (2015), Paulo e Zanini (1998), entre outras fontes utilizadas, foi possível investigar o fenômeno da automedicação e interligar com a realidade etária vivenciada entre os discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de maneira muito mais ampla. Frise-se que a coleta de dados estatísticos partiu de duas fontes:

a) pesquisa divulgada pelo Instituto Datafolha, em abril de 2019, dos resultados obtidos pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), que desenvolveu uma pesquisa de metodologia quantitativa através de entrevistas pessoais e individuais da população brasileira a partir dos 16 (dezesseis) anos, com o intuito de observar o comportamento populacional de compra e uso de fármacos (CFF, 2019).
b) Censo Escolar de Educação Básica, realizado pelo Ministério da Educação e o Instituo Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), no ano de 2022, a qual levanta dados sobre as instituições escolares, professores, gestores, turmas e alunos de todas as etapas e modalidades de ensino da educação básica, bem como seus indicadores (INEP, 2023).

A partir de tais pesquisas/dados, pôde-se obter as seguintes informações: i) cerca de 77% (setenta e sete) por cento dos brasileiros que fizeram uso de medicamento, o fizeram por conta própria, (sem prescrição) (CFF, 2019); ii) a faixa etária com maior expressão do fenômeno no Brasil se encontra compreendida entre os 16 (dezesseis) e 24 (vinte e quatro) anos, 25 (vinte e cinco) a 34 (trinta e quatro) anos e, 35 (trinta e cinco) e 44 (quarenta e quatro) anos (CFF, 2019) e; iii) a faixa etária e seu respectivo grau de escolaridade predominante nos alunos que frequentam a Educação de Jovens e Adultos (EJA), variava entre 20 (vinte) à 57 (cinquenta e sete) anos, sendo os primeiros mais frequentes nos Ensino Médio e os últimos, nos anos iniciais do Ensino Fundamental (INEP, 2023).

Essas informações foram selecionadas em detrimento de outras disponíveis, uma vez que consistem em dados que podem relacionar-se, a partir da faixa etária em comum, sendo em relação aos dados trazidos pelo CFF (2019), os mais recentes quando se coloca em perspectiva o censo escolar desenvolvido pelo INEP (2023). O intervalo etático tornou-se, portanto, o elo de ligação que enquadra a idade comum na automedicação sem prescrição médica presente ambém como um fenômeno na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Como já mencionado anteriormente, a análise dos índices baseou-se, dentre outros, em uma investigação profunda e sistemática amparada no procedimento técnico bibliográfico, buscando atingir o objetivo principal do artigo, sem esquercer de investigar e interpretar as pesquisas acadêmicas e doutrinárias disponíveis sobre a temática a partir de um olhar crítico, reflexivo e considerando a confiabilidade, relevância e atualidade dos dados encontrados (Gil, 2008).

RESULTADOS

Conforme disposto em pesquisa do Conselho Federal de Farmácia acerca da aquisição e utilização de medicamentos pelos brasileiros, a faixa etária entre 16 (dezesseis) e 34 (trinta e quatro) anos é a que a automedicação se encontra mais presente (CFF, 2019). Intervalo etário semelhante aparece nos resultados obtidos pelo Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP): são os adultos entre 20 (vinte) a 33 (trinta e três) anos, o público alvo presente no Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) (INEP, 2023).

A partir de tais pesquisas supramencionadas, é possível verificar uma convergência entre os dois fenômenos descritos. Destarte, compreende-se que os estudantes presentes na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Ensino Médio, têm maior propensão de fazer uso indiscriminado de medicamentos e fármacos sem a devida prescrição médica, por estarem dentro da faixa etária apontada pelo Conselho (CFF, 2019) e pelo Instituto (INEP, 2023).

Posto isto, sendo a disciplina de Química obrigatória à essa parcela da população, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular, essa matéria pode ser de grande relevância na conscientização e aprendizado sobre a prática nociva da automedicação, atrelando o estudo com a realidade vivida pelo alunado da Educação de Jovens e Adultos (EJA) (Correia; Trindade; Almeida, 2019).

DISCUSSÃO

1. A AUTOMEDICAÇÃO NO MUNDO E NO BRASIL

A automedicação é um dos temas bastante recorrentes na atualidade e que teve seus estudos aprofundados por volta das décadas de oitenta e noventa, principalmente em países europeus como Portugal, Reino Unido, Espanha (Peixoto, 2008). Sobre ele, Paulo e Zanini (1998, OMS, 2005) explicam que o referifo fenômeno ocorre quando o indivíduo acometido por alguma condição de saúde (doença), através de iniciativa própria, por intervenção de terceiros ou responsáveis, visa utilizar-se de medicamentos que, em tese, trariam melhora ou cura do quadro específico, sem a devida prescrição médica.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) está se preocupando cada vez mais com a temática, em virtude de ocorrer em variados graus e por motivos diversos, em todo o mundo. Seja por razões governamentais, socioeconômicas, culturais, pela ausência de políticas públicas eficientes ou

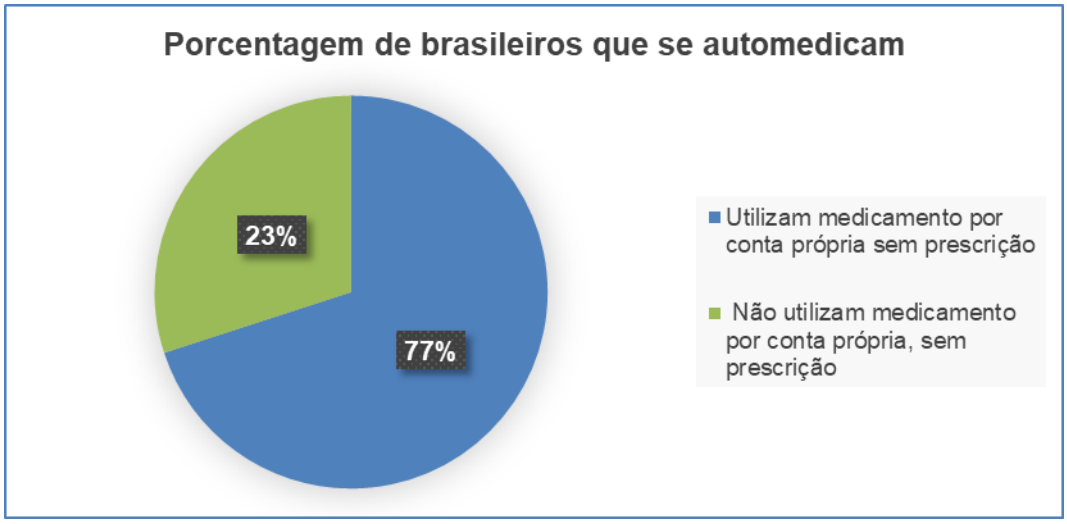
RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

pela falta de abordagem nos âmbitos sociais, familiares e escolares, o uso de medicamentos sem prescrição médica está presente também no Brasil (Arrais *et al.*, 2016).

Arrais *et al.,* (2016), também abordam que alguns dos fatores decisivos pelos quais os índices de automedicação podem variar ao longo do tempo, principalmente, com relação ao cenário nacional, é a falta de investimentos financeiros e infraestruturais no que diz respeito à disponibilização de assistência de saúde na esfera primária para que, através de maior acesso aos profissionais da saúde, o uso racional de medicamentos pela população ocorra como consequência.

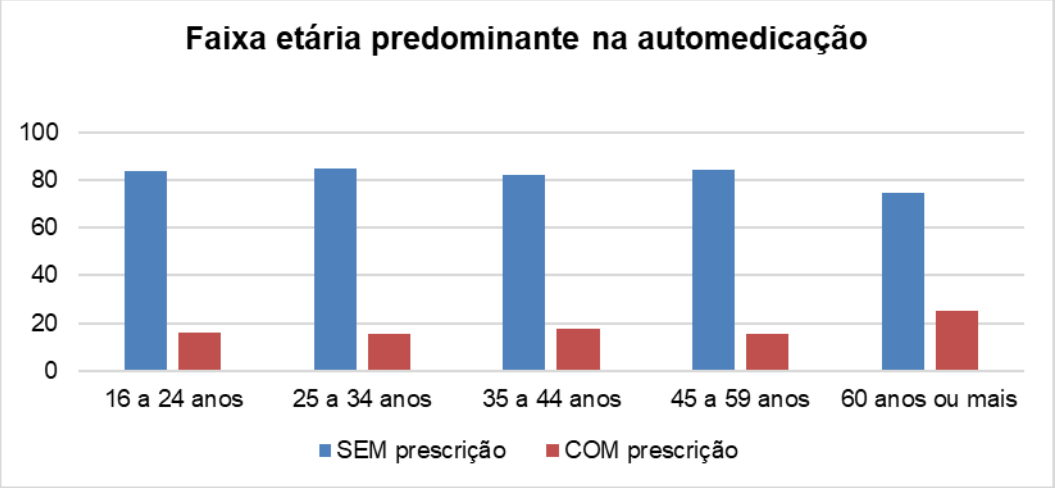
Apesar de a Lei 5.991, de 17 de dezembro de 1973 dispor acerca do controle sanitário do comércio de drogas, medicamentos e insumos farmacêuticos, a fiscalização que é proposta no seu capítulo VII não se estende à compra e uso de substâncias as quais, por exigência do regramento legal, dispensam a apresentação de receitas para sua aquisição (Brasil, 1973). Todavia, os números apresentados pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), em 2019, demonstram o quanto tão prática é comum e recorrente para a população brasileira.

Em recente pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Farmácia em parceria com o Instituto Datafolha, se divulgou que, em 2019, aproximadamente 77% (setenta e sete por cento) dos brasileiros que fizeram uso de medicamento nos seis meses anteriores à entrevista, o fizeram por conta própria, sem prescrição. Além disso, restou provado as maiores influências relacionadas à automedicação, bem como a faixa etária com maior expressão no fenômeno relacionado ao país, que se encontra compreendida entre os 16 (dezesseis) e 24 (vinte e quatro) anos, 25 (vinte e cinco) a 34 (trinta e quatro) anos e, 35 (trinta e cinco) e 44 (quarenta e quatro) anos (CFF, 2019). Veja-se:



FONTE: CFF e Datafolha (2019, p. 57) - adaptado

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218



FONTE: CFF e Datafolha (2019, p. 46) - adaptado

Segundo Marinho, Cardoso e Ferreira (2018), a utilização indiscriminada de substâncias farmacêuticas é uma problemática que ultrapassa a saúde pública e se estende a outras diversas áreas da sociedade, ocorrendo tanto em países desenvolvidos, quanto os emergentes e subdesenvolvidos. A sua complexidade envolve questões de gênero, de hipossuficiência, e de escolaridade, sendo, portanto, a educação um dos grandes instrumentos de política pública no uso consciente de fármacos (Marinho; Cardoso; Ferreira, 2018).

2. A EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS (EJA)

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), sob a ótica de Dias e Sabião (2018), trata-se de um ensino voltado para os indivíduos que, por alguma razão, não tiveram acesso ou não frequentaram a instituição escolar no período adequado. Desse modo, não se limita ao antigo Ensino Supletivo, pelo contrário, auxilia no crescimento gradativo do ser humano através de uma aprendizagem significativa baseada na realidade e dia a dia de cada aluno, sendo, portanto, uma educação multicultural e muito parecida com a modalidade de ensino na qual Paulo Freire classificava como sendo a “Educação Popular” (Freire, 2015).

Feigel (1996) dispôs que a realidade econômico-social exige que sua mão de obra tenha, além de força de trabalho, uma qualificação instruída e especializada e, por isso, devido aos índices de analfabetismo parcial e total, foi necessário a implementação de um sistema educacional que abrangesse o aluno adulto e trabalhador. A Educação de Jovens e Adultos (EJA), nesse sentido, com características específicas a cada época, esteve presente desde a América Portuguesa (1530-1815) até o Brasil Império (1824-1889), também se manteve na Primeira (1889-1930) e Segunda (1930-1945) Repúblicas, bem como na Populista (1945-1964) e resistiu à Ditatura Militar (1964-1985), de modo que foi reestruturada na Nova República (1985) e é encontrada ainda na atualidade (Abreu e Ribeiro, 2014). Sobre isso, dispõem Abreu e Ribeiro (2014):

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

> A EJA é uma modalidade que inevitavelmente transborda os limites da escolarização, não deixando de ser educação escolar Os alunos que pertencem a essa modalidade de ensino, sejam potenciais ou não, são aqueles de faixa etária acima daquela considerada "ideal" para frequentar o espaço/segmento/etapa pretendido, e compõem grupos sociais impossibilitados de frequentar o sistema regular de ensino durante seu processo de construção social São inúmeros os fatores responsáveis por essa distorção: pobreza, violência, inserção precoce no mundo do trabalho, gravidez, entre outros. (Abreu; Ribeiro, 2014, p. 89).

O Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014-2024), propõe-se a difundir a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades (meta 7) e elevar a escolaridade média da população entre 18 (dezoito) e 29 (vinte e nove) anos. Para tal, a meta 10 busca aliar a educação profissional ao ensino fundamental e médio, ofertando, minimamente, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas disponíveis para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), o que demonstra o quanto tal categoria é importante na atualidade (Brasil, 2014-2024).

Já o último Censo Escolar realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), na vigência de 2018-2022, divulgou que a faixa etária e seu respectivo grau de escolaridade predominante nos alunos que frequentam e utilizam a Educação de Jovens e Adultos (EJA), variava entre 20 (vinte) à 57 (cinquenta e sete) anos, sendo os primeiros mais frequentes nos Ensino Médio e os últimos, nos anos iniciais do Ensino Fundamental (INEP, 2023).

Distribuição dos alunos por faixa etária e por etapa de ensino na EJA	
Anos Iniciais	De 36 (trinta e seis) a 57 (cinquenta e sete) anos
Anos Finais	De 18 (dezoito) a 40 (quarenta) anos
Ensino Médio	De 20 (vinte) a 33 (trinta e três) anos

FONTE: INEP (2023, p. 28) – Adaptado

Abreu e Ribeiro (2014) ainda apontam para a necessidade de tal processo pedagógico ser voltado para o dia a dia de quem o compõe, abarcando não só o conteúdo teórico dispensado para cada disciplina, mas também a integrando com a realidade vivida por cada um dos discentes, tornando-se assim, um conhecimento funcional e aplicável. Sobre isso:

> A Educação de Jovens e Adultos esteve, por muito tempo, voltada para um universo de pessoas que não puderam concluir seus estudos na idade própria Nesse caso, a EJA objetivava proporcionar a elas oportunidade de elevar sua escolaridade por meio de novos conhecimentos que pudessem ser utilizados nas diferentes relações cotidianas (Abreu; Ribeiro, 2014, p. 119).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Apesar de, inicialmente parecerem temas desconexos, é possível relacionar a faixa etária e seu respectivo grau de escolaridade predominantes na Educação de Jovens e Adultos com aquelas obtidas na pesquisa supracitada realizada pelo Conselho Federal de Farmácia e pelo Instituto Datafolha sobre a temática da automedicação. Destacando, dentre tantas, a faixa etária entre 16 e 44 anos, o nível de escolaridade (Ensino Fundamental e Ensino Médio), e o perfil socioeconômico de baixos rendimentos.

Bortoli e Nogueira (2023) contextualizam que a química, apesar de muitas vezes ser interpretada como sendo uma disciplina em que os alunos possuem certa dificuldade de compreensão dento da Educação de Jovens e Adultos (EJA), pode atuar como forte aliada da formação estudantil quando voltada para a formação de cidadãos críticos que possam se posicionar sobre inúmeras discussões. É, portanto, a disciplina capaz de formar um “elo” entre a automedicação como uma questão social e educacional e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), podendo ser, então, uma grande aliada na conscientização e entendimento da população sobre a importância do uso acautelado dos inúmeros fármacos que se encontram disponíveis e com fácil acesso (Bortoli e Nogueira, 2023).

3. A AUTOMEDICAÇÃO COMO TEMA DE QUÍMICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece, para o ensino de Ciências, que devem ser definidas problemáticas através da observação de mundo, bem como de indagações, pesquisas, investigações e proposituras de hipóteses (Brasil, 2017). Para lograr êxito em tal objetivo, no campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a sensibilidade da observação do mundo cotidiano, no ensino da Química, permite que seu público-alvo tenha uma aproximação maior com a disciplina e, consequentemente, atinja percentuais mais satisfatórios de aprendizado (Matos; Pereira; Lima, 2024).

Em se tratando da automedicação, dentre os vários grupos afetados, é válido citar que a parcela da população presente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), está dentro da faixa etária de 16 a 44 anos (INEP, 2023). Além disso, fazem parte, comprovadamente, dos que mais praticam a automedicação no país. Todavia, o intervalo etático não é a única característica em comum entre a automedicação e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Pode-se citar, por exemplo, a classe econômica a qual estão inseridos (baixa) e as doenças mais frequentes associadas a automedicação como pontos convergentes (CFF, 2019; INEP, 2023).

Levando-se em consideração as principais classes de medicamentos utilizados nos Brasil, de acordo com a pesquisa do Conselho Federal de Farmácia e do Instituto Datafolha representada pelo anexo 4, percebe-se a relação entre os antialérgicos, anti-térmicos, ansiolíticos e antidepressivos, anti-hipertensivos e diuréticos com as comorbidades que mais afetam o público alvo da Educação de

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Jovens e Adultos (EJA). Sendo elas: cefaléia, alergias das vias respiratórias, hipertensão, diabetes, dentre outras (Bittencourt, 2012).

Niezer, Silveira e Sauer (2016), ao tratar sobre o ensino de soluções químicas, proposto pela Base Comum Curricular, enfatiza em como esse conteúdo pode agregar na vida dos estudantes ao abordar ações da vida diária e, ao mesmo tempo, utilizando-se de aspectos familiares aos discentes, tornar a matéria obrigatória mais fácil de ser compreendida e aplicada no dia a dia, além de trazer certa interdisciplinaridade para a construção cognitiva dos discentes. Nessa perspectiva, o estudo das soluções farmacológicas, por exemplo, traria inovação para as atividades desenvolvidas em sala de aula e, consequentemente, atuaria concomitantemente para a conscientização acerca dos malefícios da medicação sem prescrição profissional adequada (Niezer; Silveira; Sauer, 2016).

Desse modo, por mais que os jovens e adultos estejam inseridos em uma sociedade na qual o acesso à informação é fácil e rápido, prioriza-se a propagação da cultura do uso de medicamentos sem a prévia ponderação das consequências positivas e negativas, assim como sem a averiguação da veracidade das fontes (Marinho; Cardoso; Ferreira, 2018). Nesse sentido:

> Essa “falta de informação” sobre o assunto e a promoção farmacêutica distorcida e desenfreada leva a vários problemas, dentre os quais tem-se: escolha inadequada de medicamentos, exposições indevidas a reações adversas que podem ser fatais, aumento da resistência bacteriana, aumento da automedicação – assim como de seus riscos, desperdício de dinheiro por parte do indivíduo e da instituição com medicamentos inúteis e desnecessários. (Melo; Ribeiro; Stopirts, 2006, p. 476, *apud* Castro, 2000, p. 10)

Há, ainda, uma relação entre a falta de informação e o baixo índice de políticas públicas eficientes na diminuição da automedicação. Catrib *et al* (2013) aponta que no estado de Ceará grande parte dos professores da rede pública de ensino afirmam serem os motivos da automedicação nas escolas, fatores culturais, socioeconômicos, a precariedade no acesso à rede pública de saúde (SUS), as inúmeras propagandas e a falta de implementação de políticas de medicamentos (Catrib *et al*, 2013).

Tendo a Educação de Jovens e Adultos (EJA) um ambiente bastante propício para o desenvolvimento de atividades alternativas e lúdicas, já que sua proposta com relação à educação é mais ampla e o seu intuito ultrapassa o da simples “segunda escolarização” (Barsante, 2019), é possível promover, através de práticas pedagógicas, a conscientização sobre o uso de medicamentos sem prescrição adequada.

Nesse aspecto, portanto, a junção do estudo do cotidiano dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com as soluções e reações químicas causadas pelos medicamentos mais frequentes na automedicação em seus organismos, ampara positivamente na amenização da problemática, além de contribuir com o currículo de Química na Educação de Jovens e Adultos (EJA), podendo chegar a integrar, inclusive a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017).

Tal resultado é obtido a partir de ensinos de Paulo Freire (2015), que aborda que a educação humana deveria ser um ato de intervenção no mundo:

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

> Quando falo em educação como intervenção me refiro tanto à que aspira a mudanças radicais a sociedade, no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, à saúde, quanto à que, pelo contrário, reacionariamente pretende imobilizar a história e manter a ordem injusta (Freire, 2015, p. 106)

Sob a ótica freiriana, o estudo da química na educação básica deve atender, por consequência, as demandas da contemporaneidade, para que o aluno tenha autonomia suficiente para imiscuir-se em sua realidade social, agindo com responsabilidade (Freire, 2015). Destarte, o educando da Educação de Jovens e Adultos (EJA) teria a sua disposição, mecanismos educacionais suficientes para desenvolver um senso crítico e adequado acerca da automedicação na atualidade, bem como entender pela interdisciplinaridade as consequências positivas e negativas de tal prática.

CONSIDERAÇÕES

A automedicação é uma questão global que também está presente no Brasil nos mais diversos contextos (Melo; Ribeiro; Storpirtis, 2006). O Conselho Federal de Farmácia aponta, inclusive, dados estatísticos sobre faixa-etária, comorbidades e tipos mais comuns de medicamentos utilizados nessa problemática (CFF, 2019). Quando comparados tais dados com os dispostos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2023), é possível verificar uma convergência com o perfil dos alunos da Edacação de Jovens e Adultos (EJA).

Foi percebido, através do presente estudo, que houve um agrupamento de evidências que relacionaram o índice de automedicação existente no Brasil com a faixa etária presente entre os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com isso, permitiu-se averiguar a existência dessa prática voltada para o dia a dia e as necessidades dos discentes e, constatou-se que as condições sociais e econômicas de ambas as linhas de pesquisa apresentam o mesmo perfil de indivíduos (características sociais, econômicas e escolares).

Ainda, concluiu-se a partir dos vastos autores consultados, como Paulo Freire (Freire, 2015), que a disciplina de química, como sendo da área das ciências, pode integrar um conjunto de ferramentas importantes da promoção do senso crítico dos alunos, incluindo aqueles presentes na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), utilizando a interdisciplinaridade do cotidiano dos discentes e de suas respectivas vivências na percepção dos efeitos positivos na abordagem do tema “automedicação” no referido âmbito escolar.

Desse modo, a química se mostra como instrumento importante na promoção da conscientização e acesso às informações verídicas sobre as consequências negativas que recaem sobre o corpo humano diante do uso desenfreado de medicações sem prescrição adequada (Ribeiro, 2017). A disciplina auxilia, portanto, o aluno compreender melhor não só a matéria do ponto de vista de seu dia a dia, mas também proporciona que os processos de ensino-aprendizagem sejam mais lúdicos e atrativos, tornando a Educação de Jovens e Adultos (EJA) um ambiente propício para seus desenvolvimentos, integrando-os ás temáticas importantes da atualidade.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

REFERÊNCIAS

ABREU, A. C. S. de; RIBEIRO, L. L. **Educação de jovens e adultos:** caderno pedagógico. Florianópolis : UDESC: UAB: CEAD, 2014. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/560957/2/edu%20jovens%20adultos%20Web.pdf. Acesso em: 30 ago. 2024.

ARRAIS, P. S. D.; FERNANDES, M. E. P.; PIZZOL, T. da S. D. *et al*. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista Saúde Pública**, v. 50, supl 2, 13s, 2016. Disponível em: https://rsp.fsp.usp.br/wpcontent/uploads/articles_xml/00348910rsps2S01518878720160500061 17/0034-8910-rsp-s2-S01518-87872016050006117-pt.x63465.pdf. Acesso: 06 set. 2024.

BARSANTE, D. J. C. **Automedicação:** proposta de um jogo paradidático na Educação de Jovens e Adultos. 2019. 7f. Dissertação (Mestrado em Química) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG, 2019. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/11826/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_Automedica%C3%A7%C3%A3oPropostaJogo.pdf. Acesso em: 04 jul. 2024.

BITTENCOURT, B. de C. P. Um estudo sobre o estresse em alunos da Educação de Jovens e Adultos. *In:* PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, 2012**. Curitiba: SEED/PR., 2014. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2009_utfpr_gestao_escolar_artigo_miriam_machado_cunico.pdf. Acesso em 05 jul. 2024.

BORTOLI, C. K., NOGUEIRA, K. S. C. A Educação de jovens e adultos no contexto do ensino de química. **Revista Actio: Docência em Ciências**, Curitiba, v. 8, n.1, p. 1-25, jan./abr. 2023. Disponível em: https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/viewFile/14484/9529. Acesso em: 18 set. 2024.

BRASIL. **Lei nº 5.991, de 17 de dezembro de 1973**. Dispõe sobre o Controle Sanitário do Comércio de Drogas, Medicamentos, Insumos Farmacêuticos e Correlatos, e dá outras Providências. Senado Federal, Brasília/DF, 1973. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5991.htm. Acesso em: 18 ago. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília/DF, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 23 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCCAPRESENTACAO.pdf. Acesso em: 02 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação**. Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio 2014-2024**, Brasília: Ministério da Educação, 2014. Disponível em: https://pne.mec.gov.br/18-planossubnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014. Acesso em: 09 set. 2024.

CAMPANA, A. O. Metodologia da investigação científica aplicada à área biomédica – 2. Investigações na área médica. **J Pneumol,** v. 25, n. 2, mar./abr. 1999. Disponível em: https://www.scielo.br/j/jpneu/a/bXPWKsKL5Qzf4KLFDvbmtGj/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 23 dez. 2024.

CATRIB, A. M. F. *et al*. Concepções e Práticas Sobre Automedicação na Escola Profissionalizante: um estudo de caso no estado do Ceará, Brasil. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Bahia, v.37, n.1,

p.117-132, jan./mar. 2013. Disponível em: http://files.bvs.br/upload/S/01000233/2013/v37n1/a3824.pdf. Acesso em: 03 jul. 2024.

CFF - CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA E INSTITUTO DATAFOLHA. **Uso de Medicamentos**. Brasília: CFF, 2019. Disponível em: https://www.cff.org.br/userfiles/file/Uso%20de%20Medicamentos%20%20Relat%C3%B3rio%20_final.pdf. Acesso em: 01 jul. 2024.

CORREIA, B. de C.; TRINDADE, J. K.; ALMEIDA, A. B. Fatores Correlacionados à Automedicação entre os Jovens e Adultos: Uma Revisão Integrativa da Literatura. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, *[S. l.]*, v. 2, n. 1, p. 57–61, 2019. Disponível em: https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/143. Acesso em: 06 jul. 2024.

DA SILVA MATOS, F. W.; HENRIQUE PEREIRA, D.; LEITE CARVALHO LIMA, M. O ensino de química na Educação de Jovens e Adultos (EJA):. **Revista DisSoL - Discurso, Sociedade e Linguagem**, v. 20, n. 20, 11 jun. 2024. Disponível em: http://ojs.univas.edu.br/index.php/revistadissol/article/view/1168/611. Acesso em:

DIAS, A. A. da S.; SABIÃO, R. M. Educação de Jovens e Adultos: Um Caminho na Busca para o Desenvolvimento Social no Brasil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed. 07, v. 02, p. 66-83, jul. 2018. ISSN:2448-0959.

FEIGEL, Z. **Formação de pessoal de nível médio para a saúde:** desafios e perspectivas [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. 224 p. ISBN 85-85676-27-2. Disponível em: https://books.scielo.org/id/dydn3/pdf/escola-9788575412671-07.pdf. Acesso em: 25 ago. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. ISBN 978-85-224-5142-5.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar 2022**. Brasília: INEP, 31 jan. 23. Disponível em: https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2022/apresentacao_coletiva.pdf. Acesso em: 01 jul. 2024.

MARINHO, R. A.; CARDOSO, G. P.; FERREIRA, W. A. Vantagens e Desvantagens da Automedicação: princípios gerais. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research (BJSCR),** v. 23, n. 2, pp. 105-110, jun./ago. 2018. Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20180704_093125.pdf. Acesso em: 05 ago. 2024.

MELO, D. O. de; RIBEIRO, E.; STORPIRTIS, S. A importância e a história dos estudos de utilização de medicamentos. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, São Paulo/SP, v. 42, n. 4, p. 475-485, out./dez., 2006. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/is_digital/is_0207/pdfs/IS27(2)041.pdf. Acesso em: 03 jul. 2024.

NIEZER, T. M.; SILVEIRA, R. M. C. F.; SAUER, E. Ensino de soluções químicas por meio do enfoque ciência-tecnologia-sociedade. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 15, n. 3, 428-449, 2016. Disponível em: http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen15/REEC_15_3_7_ex921.pdf. Acesso em: 22 set. 2024.

OLIVEIRA, M. F de. **Metodologia científica:** um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011, p. 72.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

PAULO, L.G.; ZANINI, A. C. Automedicação no Brasil. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v.34, n. 2, p. 69-75,1998.

PEIXOTO, J. B. **Automedicação no Adulto**. 2008. Monografia (Graduação em Enfermagem) - Universidade Fernando Pessoa, Portugal, 2008. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/814/1/Monografia%2520Joana%2520%2520Automedica%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520no%2520Adulto.pdf. Acesso em: 02 jul. 2024.

RIBEIRO, R. D. da R. **Fármacos e automedicação:** estratégias andagógicas no ensino de química orgânica na EJA. 2017. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2017. Disponível em: https://repositorio.unipampa.edu.br/bitstream/riu/2278/3/Produto%20PDF.pdf. Acesso em: 07 jul. 2024.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 135 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; v. 2). ISBN 85-98171-43-3. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_02_internet.pdf. Acesso em: 23 dez. 2024.